
**A ESCOLÁSTICA NA
DIVINA COMÉDIA
DE DANTE ALIGHIERI**

Osmar Nascimento de Oliveira*
Terezinha Oliveira**

Resumo: *este estudo é uma análise da Divina comédia de Dante Alighieri (1265-1321) à luz da Escolástica, fio condutor teórico por meio do qual os homens se expressavam na Idade Média. A divina comédia é considerada pelos estudiosos da literatura e da história como a fundadora da literatura e da língua italiana, bem como, o mais completo compêndio sobre a civilização ocidental na Baixa Idade Média, escrita entre 1310 e 1321. Nela Dante coloca a si próprio como personagem em uma peregrinação através do Inferno e do Purgatório, conduzido pelo poeta Virgílio e, através do Céu pela bela Beatriz. Na medida em que vai conhecendo os recintos mais profundos de cada um desses locais, Dante encontra vários personagens históricos reais e imaginários que são classificados pelo autor; em cada um desses locais, de acordo com os respectivos méritos ou pecados de cada um. Nossa intenção é conhecer melhor a civilização do período medieval, a própria obra e as influências que a Escolástica exerceu em seus versos.*

Palavras-chave: *história da educação medieval, Dante, Escolástica*

Este estudo tem como principal objetivo a análise da influência da Escolástica no mundo medieval, principalmente na obra de Dante Alighieri, *A divina comédia*. Para tal empreita, o artigo inicia-se com uma introdução a respeito dos conteúdos estudados. Em seguida serão analisados aspectos importantes da Escolástica e da *Divina Comédia*, finalizando com algumas considerações sobre os pontos de convergência entre esta e aquela.

O estudo desta obra, a trajetória de Dante pelo Inferno, Purgatório e pelo Paraíso, torna-se importante para a formação das pessoas, especialmente para os alunos que pretendem exercer ou que já exercem a profissão docente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. É importante porque fala de educação, de costumes, de hábitos que se quer incentivar

ou expurgar da sociedade. Sua análise, assim como a atmosfera que a cerca e os fatores que a influenciaram, em especial a Escolástica, propicia um conhecimento amplo acerca da educação, objeto de todo aquele que ensina, mostrando as alterações que ela sofre ao longo da história como produto que é das relações humanas. Essa análise é necessária para superar a concepção estática da história da educação, pois por meio dela é possível verificar como a história é construída e como a educação se desenvolve no processo histórico.

Segundo Guimarães (2004), para que a Educação possa ser compreendida como produto das relações humanas, e, portanto, sujeita às transformações inerentes ao processo histórico, devemos considerar que nenhuma de suas características é natural. Não é natural pensarmos que os livros, por exemplo, estiveram sempre fartamente disponíveis. Nem tampouco que as discussões teóricas, os debates, sempre foram naturais. Dentro desta perspectiva, o método escolástico, por meio da *quaestio disputata* e da memorização, significou a maneira inovadora pela qual a Educação aconteceu nos séculos XII e XIII. Além disso, a Escolástica deve ser entendida como uma fase, um momento histórico da Educação. Dessa forma, a influência do método escolástico na obra de Dante, representa mais uma testemunha do caráter criador da forma de organizar o pensamento dos homens.

É justamente a discussão moral presente em *A divina comédia* que a torna uma leitura indispensável, na medida em que enfatiza a necessidade de valores morais e éticos na sociedade. Esses valores precisam fazer parte do hábito dos homens na sociedade para que possa existir uma convivência civilizada entre os seres humanos. A leitura e discussão da obra propiciam a compreensão dessa visão de mundo que Dante descreve em sua época, e nos permite entender a proposta educacional do autor. A obra também abre espaço para reflexões a respeito do comportamento dos homens na contemporaneidade. Por isso, o professor não pode, a nosso ver, deixar de inserir em sua formação esta obra que muito contribui para a educação e para a vida em sociedade. Contemplando esta leitura em sua formação, o professor aumentará seus conhecimentos sobre a natureza humana, e poderá relacionar-se com seus alunos com mais propriedade quando discutir a conduta humana e o viver em sociedade baseado em valores e crenças, entendendo seu processo histórico e as necessidades do momento atual em que vive.

Outra intenção deste estudo é levar os alunos a refletir sobre os complexos caminhos da história da educação, sem, contudo, pretender

esgotar as pesquisas sobre o assunto. A Educação na história é grandiosa e extensa, tanto em termos de tempo como de espaço, por isso é necessário que se faça um recorte temporal, no qual trataremos apenas o que se refere ao estudo da Baixa Idade Média, tendo em vista que é neste período da história que se encontra a obra que é o objeto desta análise e ele também se constitui em uma época importante de transformações sociais e educacionais, que serão consideradas a seguir.

A ESCOLÁSTICA

Ao iniciar a análise do período é necessário esclarecer a ideia ‘equivocada’ de que a Idade Média foi caracterizada como um período obscuro, povoado por santos, e vazio de reflexões, estes são preconceitos herdados pelos humanistas e iluministas¹ que precisam, também, ser deixados para trás. Para poder entender a Escolástica é necessário estar de espírito aberto para os seus ensinamentos e para captar sua dimensão histórica, isto é, a de uma época com características distintas e distantes da nossa. De acordo com Oliveira (2005, p.9-10),

[...] a Escolástica é um modo de pensar e um sistema de concepções em que se valoriza a vida terrena como dom admirável de que usufruímos para o nosso bem e para o nosso desenvolvimento pessoal e em que se admite que o ser do homem não se esgota no breve tempo da sua existência terrena, uma vez que o homem tem um fim supraterrâneo e eterno e o destino de uma vida interminável, sobre poder crescer ainda neste mundo na vida sobrenatural que ele obtém através do batismo. Portanto, num primeiro momento, casam-se na escolástica a concepção filosófica da vida terrena, da sua transcendência às limitações deste mundo e a mundivivência cristã em que a revelação de Cristo assegura que a vida continua além da morte, que um destino feliz ou infeliz aguarda o homem conforme o seu modo de viver na terra, e que neste mundo já se é possível ao homem nascer para a vida sobrenatural e nela crescer até que possa, após a morte, fixar num estado definitivo de completa beatitude ou de felicidade eterna.

Segundo Oliveira (2005), na Idade Média, coexistia grande quantidade de pessoas e culturas formando um cenário bastante complexo. De um lado, havia o que restou do mundo romano, com suas tradições e leis

do qual faziam parte também os próprios cristãos, uma vez que a igreja cristã foi criada em seu interior. De outro lado, temos os povos recém chegados do norte, entre eles os Godos, Francos, Germânicos, Suevos e outros, com costumes e culturas próprias. Em síntese, foram estes povos que inicialmente formaram a base para a construção da filosofia medieval.

Todo esse material cultural serviu de alimento para a produção da obra de Dante, que foi capaz de captar com perfeição o cerne da filosofia escolástica, amparando-se de um lado no poeta Greco-romano Virgílio, representante do império, da filosofia e da cultura, e de outro em Beatriz, sua amada, que representa, na obra, a religião cristã. Para Oliveira (2005, p. 10-11),

Embora a Escolástica busque na Antiguidade e nos padres da Igreja a fonte de informação, ele observa que sua base teórica de explicação do mundo está baseada em uma instituição, por essência, medieval, as escolas. [...] São as escolas, ao longo da medievalidade, que elaboraram e formularam a filosofia cristã e é isso que Grabmann destaca nessa passagem. A Escolástica é uma criação medieval, que surgiu no interior das escolas, no seio das relações medievais. É filha dos conventos, das catedrais e, mais tarde, das Universidades medievais. Trata-se, portanto, de algo novo. Mais do que isso, ela responderia às questões humanas de sua época, revelando, assim, um impulso vital, que passa despercebido aos estudiosos que julgam que a Escolástica nada teria criado

Após essa análise, Oliveira (2005, p. 11) conclui:

Ao lermos em Ruy Nunes e em Grabmann que a Escolástica é mais do que um método; que é a explicação teórica do mundo medieval, em suma, a filosofia cristã, percebemos que ela é algo que, efetivamente, faz parte das relações medievais. Por conseguinte, não se trata apenas de uma forma de estudo, mas de uma forma de vida. Ao tratarem a Escolástica desta maneira, estes autores captaram, de fato, o seu caráter vital.

Dessa forma, entendemos que a obra de Dante, da qual trataremos no item seguinte, encontra-se no seio da Escolástica², pois trata dos costumes dos homens na sociedade, na vida terrena, fala do desenvolvimento pessoal, do próprio autor e também do homem medieval, tendo como

horizonte para esse desenvolvimento a ideia de vida além da morte, um destino feliz ou trágico, de acordo com as benfeitorias ou os pecados de cada homem, em vida.

A DIVINA COMÉDIA

Nesta que é considerada não apenas a obra-prima do poeta, mas de toda literatura italiana do período, Dante coloca a si próprio como personagem. Exilado e peregrino, faz de si uma espécie de cidadão do mundo, representante do homem medievo, dividido entre a cultura clássica e a cultura do cristianismo, em busca da excelência moral e espiritual e da justiça social. Levado pela mão do poeta latino Virgílio, autor da epopeia do povo latino, a *Eneida*³, Dante atravessa o mitológico Estiges na barca de Caronte e é levado a conhecer o inferno, onde se depara com pecadores sendo castigados, em ordem progressiva de gravidade de pecado cometido. No Purgatório⁴, local de purificação, as pessoas pagam penitência por dívidas morais das quais podem ser absolvidos. Ao final da jornada no Purgatório, Beatriz substitui o greco-romano Virgílio e torna-se o guia e ajuda divina do poeta, acompanhando-o até o Paraíso, onde repousam pessoas que passaram pelo Purgatório, mas que fizeram a devida penitência de seus pecados, e também governantes justos, estudiosos da teologia e praticantes do bem (na obra, Dante cita nomes como o de Santo Tomás de Aquino, São Bernardo, São Pedro, São João, São Boaventura, entre outros).

Muitos acontecimentos importantes marcaram o período medieval do qual Dante fazia parte: a decadência do Império Romano e as incursões nômades. A ruína das instituições romanas, os costumes desses povos invasores, produziram uma grande fragmentação na própria ideia de sociedade, em suas inter-relações, em suas leis; uma crise não só de identidade pessoal, mas também de identidade social.

Após a institucionalização da Igreja Cristã, em meados do século V⁵, surge um novo espaço para o saber, os mosteiros. Locais de conhecimento, de preservação da vida e do espírito. O isolamento nos mosteiros significava a conservação da vida pelo fato de este local ser considerado sagrado, ficando livre dos saques e pilhagens; conservação do espírito e do saber, já que o isolamento proporcionava momentos de reflexão e, ao mesmo tempo, a preservação dos escritos sagrados e greco-latinos. Orar, trabalhar e estudar passou a ser o modo de vida dos monges.

Esses aspectos caracterizam a filosofia cristã, a Escolástica, tal como o período medievo, pode ser dividida em quatro momentos

significativos: o primeiro, caracterizado pela decadência do mundo romano e pelo surgimento da Escolástica; o segundo, pela tentativa de se organizar um império nos moldes romanos; o terceiro, pela organização do sistema feudal e do renascimento das cidades, do comércio, surgimento das Universidades e, por conseguinte, o quarto, a transição para o mundo moderno.

Dante Alighieri, um homem medieval-feudal, fruto da razão e da fé, escolástico, situa-se no terceiro período, junto com o teólogo/filósofo Tomás de Aquino, que muito o influenciou.

No tocante à história da região, a Península Itálica, no tempo de Dante, estava dividida entre o poder do papa e o poder do Sagrado Império Romano. O norte era predominantemente alinhado com o imperador (que podia ser alemão ou italiano) e o centro, com o papa. Essa Península, porém, não era um império coeso. Não havia um único centro de poder. Havia vários, espalhados pelas cidades, que funcionavam como estados autônomos e seguiam leis e costumes próprios. Nas cidades, era comum acontecer disputas de poder entre grupos opositores, o que frequentemente levava as sangrentas guerras civis. Florença⁶, urbis natal de Dante Alighieri, era, na época, uma das mais importantes cidades do que viria a ser a Europa. Segundo Donato (1981), Florença era popular, rica, culta, igual em tamanho e importância a Paris, com uma população de mais de 100 mil habitantes e interesses financeiros e comerciais que incluíam todo o continente.

De acordo com Alberti (2004), devido a uma reviravolta na política florentina⁷, Dante fora incriminado pelo Estado, multado, desterrado e interdito das funções públicas. Orgulhosamente, não apresentou defesa, recusou-se ao pagamento da multa, recebendo nova sentença: todos os seus bens foram confiscados, e seu exílio tornava-se vitalício, com o decreto automático de pena de morte, caso voltasse à cidade natal.

Desde o ano de 1302 até 1321, ano de sua morte, Dante vagou por várias regiões do norte e do centro da Península Itálica, sempre tentando arquitetar um retorno à Florença, o que nunca aconteceu. Vivia de favores, talvez até mesmo de esmolas e do mecenato de nobres italianos que começavam a admirar sua obra.

Não se sabe ao certo quando esta obra foi escrita. Essa discussão tem a sua importância quando se pretende saborear e discutir com o Poeta, as ideias, as crenças, os acontecimentos, os escândalos, as esperanças do tempo. Sabe-se, segundo Donato, que em 1317 o Inferno era conhecido e teve alguns dos seus cantos reproduzidos na forma de manuscritos. Em

1319, conheciam-se partes do Purgatório, enquanto o Paraíso somente teve divulgação após a morte do autor. Os testemunhos mais autênticos das mencionadas divulgações, provêm dos protestos e impropérios dirigidos contra Dante pelos inimigos cujo ânimo acirrara por situá-los no Inferno, em situações humilhantes ou reveladoras e mesmo de amigos que deixaram de sê-lo à vista dos problemas que o florentino os meteu, imaginando suas trajetórias após a morte.

Para este autor, a hipótese presentemente mais aceita é a de que teria principiado a composição da *Divina comédia* após a morte de Henrique VII (1313), nela trabalhando, sem grandes interrupções, até o fim da vida.

Quanto à viagem poética, Dante fixou-a como realizada durante a Semana Santa do ano 1300, que foi o primeiro Jubileu romano⁸. Recuando a ação para aquele tempo, pôde cuidar de fatos, episódios, pessoas, que mereceram a sua exaltação, aprovação, reprovação, maldição ou pelo menos registro. Também, por ser o ano do Jubileu (perdão e indulgência) justificaria o formidável esforço de um cristão medieval que, reconhecendo perdido o caminho reto da salvação da alma, busca por meio de mortificações e iluminação espiritual, a reconciliação com Deus ressuscitado na manhã de páscoa, momento em que termina a viagem com o viajante inebriado pela contemplação da face de Deus.

Foi assim, por meio de sua análise da história da humanidade que Dante pode se valer de fatos e personalidades conhecidas para poder aplicar e distribuir, segundo seus critérios, ao longo dos três reinos visitados, os respectivos prêmios e penas em sua narrativa. A atribuição dos castigos infernais obedece aos critérios estabelecidos pela lei chamada contrapasso (do latim *contra pati*). A pena é atribuída guardando relação com o pecado, por analogia ou contraste. Quanto ao Purgatório, teria sido observado o princípio do contraste, pois ali, a pena serve para curar a alma da propensão ao pecado, pois a destinação ao Purgatório significava o perdão.

Já no que diz respeito ao Paraíso, a estrutura moral não se apresenta tão clara quanto nas duas outras partes, prevalecendo o entendimento de que o poeta adotara a observância ao teor da caridade que as almas tivessem demonstrado durante a vida terrena.

Conforme Donato (1981), quando Dante escreveu a *Divina Comédia*, o tema não era novo. Viagens ao além, principalmente ao mundo da punição e do sofrimento, abundavam no imaginário popular e na literatura. Dos livros míticos vinham as aventuras de Hércules, Teseu, Orfeu, Ulisses, batera-lhe

a porta, Enéias baixara ao Averno⁹. O cristianismo medieval inspirara numerosíssimas incursões onírico-místico-literárias ao reino demoníaco. No outro extremo situava-se a ambição máxima: ascender ao Paraíso. Dante é dos poucos que cogitaram o intermédio do Purgatório¹⁰. Ainda segundo Donato, tivesse ele ou não conhecimento dos escritos de frei Alberico de Montecassino, dos poemas de Della Riva e de frei Giacomino da Verona, tornou aqueles motivos verdadeiramente comuns e fez deles a mais original criação poética que a literatura universal possa registrar. Profana, heróica, política, social e religiosa, a ponto de o Papa Bento XV sentir-se autorizado a apontar na *Comédia* uma espécie de Quinto Evangelho¹¹.

Há várias teorias e hipóteses sobre o motivo que levou Dante a escrevê-la. Uma das mais aceitas é a teoria amoroso-romântica na qual Dante enfrentara o desafio, no intuito de enaltecer a sua dama, o seu amor feito mulher: Beatriz. Ao vê-la em uma festa, tendo ele 9 anos, provocou-lhe comoção física e espiritual. Teria voltado a vida ao serviço daquela que nem em tal oportunidade, nem na segunda e última vez em que estiveram próximos e sequer se falaram, deu mostras de o haver notado. Argumenta-se que, precisamente, este ignorar, esse desprezar, teria sido a razão do poema. Versejando, poderia tê-la para si conforme os parâmetros do seu fantasiar.

O próprio Dante contribuiu, segundo Donato (1981), para o surgimento de teorias e especulações. Isso, quando, por exemplo, escrevendo ao senhor de Verona (Epístola, XIII, VII-20-22) afirmou que a *Comédia* deveria ser entendida de mais de um modo, pois lhe dera quatro sentidos superpostos: o literal ou histórico, o moral, o figurado ou alegórico e o anagógico ou místico.

Ainda segundo Donato, os que agarram à validade mística ou anagógica proclamam que a viagem exprime a condição humana no seu todo: os homens só poderão sair da angustiada conjuntura em que se encontrava à época e reencontrar o bom caminho por meio da concordância da orientação do Império (Virgílio) e da Igreja (Beatriz). Mas os que vêem no poema não mais do que um grande poeta dominando habilmente um bom assunto tornado complexo, porque vestido de alegorias, aceitam-no (ao poema), vivenciando a árdua transição da servidão das paixões para a liberdade espiritual, e a perfeição moral. Isso ele consegue com a ajuda da razão (Virgílio) e da verdade revelada (Beatriz); Dessa forma, Dante nos transmite, na *Divina comédia*, traços da Escolástica, quando, para se expressar, utiliza-se da razão, do conhecimento filosófico, representados pelo poeta Virgílio, junto com a fé, que encontra em Beatriz, seu expoente.

De acordo com Donato (1981), até o ano de 1500 este poema de Dante era conhecido como *Comédia*. Giovanni Boccaccio, autor de Decamerão, um dos primeiros ardorosos intérpretes e divulgadores do poema foi quem lhe alterou o nome. Entendendo-o como imensurável pelo nível artístico, pelo tema, pela ambiência, pela atualidade e o en-dereçamento certo à imortalidade, carimbou-o com o adjetivo que lhe pareceu mais cabível: Divina, *Divina Comédia*. Ainda segundo Donato, a primeira edição veneziana de Giolito, impressa em 1555, traz esse título. E assim ficou sendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como os infelizes condenados à danação eterna, Dante também se sente pecador, sente-se “perdido numa selva escura e sombria”. Mas ele não perde a sua fé, e é por meio desta fé, aliado aos conhecimentos que tem tanto das escrituras sagradas quanto da filosofia, por meio da união de fé e razão (Escolástica), que Dante procura uma luz, uma conduta moral digna, em vida, para ser recompensado após a morte. Para o historiador Burns (1971, p. 385),

Sem dúvida a mais profunda das obras medievais foi a Divina Comédia de Dante Alighieri (1265-1321). [...] Na forma, a obra pode ser considerada como um drama das lutas, tentações e redenção final da alma. Mas é, naturalmente, muito mais do que isso, pois inclui um repositório completo da cultura medieval, uma síntese magnífica da filosofia escolástica, da ciência, da religião e dos ideais econômicos e éticos da grande época feudal. Seu tema dominante é a salvação da humanidade pela razão e pela graça divina, mas contém, além dessa, muitas outras idéias. O universo é concebido como um mundo finito cujo centro é a terra e no qual tudo existe para o bem do homem. Todos os fenômenos naturais se explicam em relação com o plano divino de paz e justiça na terra e salvação na vida futura. Os seres humanos possuem o livre arbítrio para escolher o bem e evitar o mal. O pior dos pecados que o homem pode cometer é a traição ou o abuso de confiança; os menos graves são os que resultam da fraqueza da carne. Dante era, sob muitos aspectos, um humanista. Experimentava o mais vivo prazer com o convívio dos autores clássicos; quase adorava Aristóteles, Sêneca e Virgílio. Preferiu Virgílio a qualquer teólogo cristão para per-

sonificar a filosofia e deu a outros pagãos ilustres um lugar muito confortável no purgatório. Por outro lado, não hesitou em colocar no inferno vários papas eminentes. Pelo seu poder de imaginação e pelo calor e vigor do seu estilo, merece Dante ser classificado como um dos maiores poetas de todos os tempos, mas para o historiador ele assume especial importância pelo quadro completo que nos oferece da mentalidade dos fins da Idade Média.

Para concluir, acreditamos que o presente estudo nos permitiu conhecer alguns detalhes da *Divina comédia* de Dante Alighieri, assim como perceber como o poeta fora influenciado pela Filosofia Escolástica no decorrer de sua obra. Analisando-se os personagens¹² do poema de Dante é possível compreender os motivos que levaram Dante a classificar alguns no Inferno e outros no Purgatório e no Paraíso. Dessa forma, por meio de sua análise da história foi que Dante pode se valer de fatos e personalidades conhecidas para poder aplicar e distribuir, segundo seus critérios, ao longo dos três reinos visitados, os respectivos prêmios e penas em sua narrativa. A atribuição dos castigos infernais obedece aos critérios estabelecidos pela lei chamada contrapasso (do latim *contra pati*). A pena é atribuída guardando relação com o pecado por analogia ou contraste. Quanto ao Purgatório, teria sido observado o princípio do contraste, pois ali, a pena serve para curar a alma da propensão ao pecado, pois a destinação ao Purgatório significava o perdão. Já no que diz respeito ao Paraíso, a estrutura moral não se apresenta tão clara quanto nas duas outras partes, prevalecendo o entendimento de que o poeta adotara a observância ao teor da caridade que as almas tivessem demonstrado durante a vida terrena.

A análise da Escolástica e dos valores e pecados analisados por Dante, já na Idade Média, representam uma temática relevante que, infelizmente, não fazem parte do cotidiano das escolas de ensino fundamental. No entanto, durante a elaboração de nosso estudo, foi possível levarmos o tema para eventos sobre educação e leitura, possibilitando a discussão dos assuntos presentes na obra com outros profissionais da área e alunos da educação.

Notas

¹ Segundo Oliveira (2005), para romper com o mundo Feudal, esses filósofos precisaram combater a filosofia cristã; tinham, assim, uma razão histórica para negar o saber

medieval. Entretanto, não há razão para que os homens da atualidade lutem contra a medievalidade, pois seu compromisso em relação a essa época é entender a filosofia cristã historicamente, consequentemente, entender a Escolástica, abrindo o espírito para seus ensinamentos e para captar sua dimensão histórica.

- ² Caracterizados como a união da razão e da fé, verificamos que alguns personagens na obra de Dante Alighieri são representativos desses dois pilares. O poeta Virgílio é representante da razão, da filosofia, do Império Romano. Legitimou a origem do povo romano por meio da sua obra maior, a Eneida. Outros personagens representam a cultura grega: os seres mitológicos tais como o Minotauro, Cérbero, o cão de três cabeças, e a figura da águia, símbolo do Imperador Caius Júlio César. Na *Divina comédia*, a fé tem seu maior expoente na figura de Beatriz, católica, amada de Dante. O autor povoa o céu com religiosos como Santo Tomás de Aquino, São Pedro, São Tiago, São Boaventura, entre outros. Esta diversidade de personagens, com características desses dois pilares, fazem da *Divina Comédia* uma obra representante da Escolástica.
- ³ Esta obra refere-se à lenda do guerreiro Enéias, que, após a célebre guerra, teria fugido de Tróia, saqueada e incendiada, e chegado à Itália, onde se tornou o antepassado do povo romano.
- ⁴ Outro autor a escrever sobre o Purgatório foi Jacques Le Goff, em sua obra *O nascimento do purgatório*. A constituição de um novo lugar na geografia do Além cristão, que a sociedade medieval viu nascer e triunfar, bem como a longa história das crenças que anunciam a idéia de Purgatório, são objetos de estudo desta obra. Le Goff demonstra como idéias e imagens relacionadas a este lugar intermediário condizem com o ideal de justiça e as mudanças na prática judicial, com as novas concepções de pecado e penitência. O autor demonstra como a intervenção dos vivos nos destinos das almas do Purgatório, através de apoio, estabelece uma rede de solidariedade entre mortos e vivos.
- ⁵ A Igreja Cristã nem sempre foi esta instituição que conhecemos nos dias atuais. Na Sétima Lição da obra *Histoire de la civilisation em France*, a historicidade das instituições foi captada por François Guizot (2005), que procurou destacar o papel da igreja no desenvolvimento da civilização moderna. Segundo Guizot, a participação dessa instituição no desenvolvimento da civilização moderna teve início ainda no mundo romano. Naquele momento, seu papel começou a se revelar: começou a se destacar pela sua importância social.
- ⁶ Berço do Renascimento Italiano, Florença é uma das cidades mais belas do mundo. Muitos gênios, como Leonardo da Vinci, Michelangelo, Dante Alighieri, Filippo Brunelleschi e Nicolau Maquiavel contribuíram para sua grandeza.
- ⁷ Como político, Dante tentava apaziguar as disputas entre as facções rivais dos partidários dos Cerchi e dos Donatescos, poderosas famílias florentinas, as quais assumiram as designações de Brancos e Negros. De acordo com Enzo Orlandi (1972), os Cerchi eram enriquecidos, tinham feito uma grande fortuna com o comércio e faziam pressão no sentido de serem inscritos entre os Grandes, embora não sendo de sangue nobre. Os Donati, porém, pertenciam a uma antiga estirpe, eram menos ricos, mas eram dotados de um enorme orgulho de casta. Com os Donati encontravam-se todos os nobres de sangue, com os Cerchi as forças novas. Dante foi autor de uma proposta que sugeria expulsar da cidade os homens mais violentos das duas facções. Durante a execução da ordem, os mais atingidos foram os negros, que passaram a odiá-lo. Apoiados pelo rei da França, Felipe, o Belo, os negros exilados voltaram a Florença depuseram os brancos do poder, saquearam suas residências e os exilaram. Dante

fora multado e como não efetuou o pagamento da multa, recebeu nova sentença, o confisco de todos os seus bens e o exílio vitalício.

- ⁸ O jubileu chama-se vulgarmente Ano Santo; não só porque começa, decorre e termina com ritos sagrados solenes, mas também porque se destina a promover a santidade dos costumes e tempo durante o qual se pode lucrar a indulgência jubilar. Sobre a origem e a história dos jubileus existem alguns documentos. O papa Paulo VI sintetizou o seu nascimento e a sua institucionalização do seguinte modo: «A partir do Sec. II, peregrinos vinham a Roma ver e venerar os “troféus” dos dois Apóstolos Pedro e Paulo e peregrinavam até à Igreja Romana. No Sec. IV, a vinda a Roma torna-se a principal forma de peregrinação no Ocidente, paralela e convergente, na sua ideia religiosa que se fazia a Jerusalém, no Oriente, onde se guardava o sepulcro do Senhor. Na Idade Média, Roma é a meta dos peregrinos piedosos que vêm das diversas partes da Europa, e também peregrinos que chegam do Oriente. Esta ideia de peregrinação desenvolveu-se nos Sec. XII e XIII, enriquecida com novos motivos de religiosidade e de piedade popular, imprimindo um conteúdo mais profundo à antiga ideia que a Igreja recebera da tradição, “da peregrinação por amor de Deus”. Deste modo, nasce o jubileu, fruto de uma maturação doutrinal, bíblica e teológica, que tem a sua manifestação pública no jubileu proclamado no ano de 1220, pelo papa Honório III para peregrinação ao túmulo de São Tomás Becket, que depois converge para Roma, para as basílicas de S. Pedro e S. Paulo, no grande movimento popular e penitencial do ano de 1300, proclamado pelo papa Bonifácio VIII. O jubileu romano de 1300 representou o início e o modelo dos jubileus que, mais tarde se seguiram. A partir do séc. XV a celebração do jubileu passa a fixar-se de vinte e cinco em vinte e cinco anos, exceptuando-se algumas interrupções.
- ⁹ O Averno é citado na *Eneida* de Virgílio e remete ao inferno. “[...] fácil é a descida para o Averno: noite e dia está aberta a porta do sombrio dite” (*Eneida*, Livro Sexto).
- ¹⁰ Outro autor a escrever sobre o Purgatório foi Jacques Le Goff, em sua obra *O nascimento do purgatório*. Le Goff demonstra como idéias e imagens relacionadas a este lugar intermediário condizem com o ideal de justiça e as mudanças na prática judicial, com as novas concepções de pecado e penitência. O autor demonstra como a intervenção dos vivos nos destinos das almas do Purgatório, através de apoio, estabelece uma rede de solidariedade entre mortos e vivos.
- ¹¹ O Papa Bento XV em sua *Lettera Enciclica: In Praeclara Summorum*, homenageia o poeta, reconhecendo sua contribuição para a fé católica: “No ilustre grupo dos grandes personagens que com a sua reputação e a sua glória honraram o catolicismo em tantos setores, especialmente nas letras e nas belas artes, legando frutos imortais de seu talento e tornando-se altamente beneméritos do Estado e da Igreja, ocupa um lugar absolutamente particular Dante Alighieri, que terá, proximamente, a celebração de seu VI centenário de morte. Talvez, a singular grandeza deste homem nunca tenha sido tão exaltada quanto hoje, não somente na Itália, orgulhosa de haver lhe dado o nascimento, mas em todas as nações civilizadas, que por meio de comitês de eruditos preparam as solenidades para celebrar a memória deste excelso gênio, honra e glória da humanidade, a fim de que receba homenagens de todo o mundo. Nós, conseqüentemente, neste magnífico coro de muitos não podemos, absolutamente, nos ausentar. Ao contrário, devemos estar à frente das homenagens cabendo, sobretudo à Igreja, que lhe foi mãe, o direito de chamá-lo ‘meu Alighieri’”.

¹² Dante Alighieri (1265-1321), autor e personagem desta obra considerada pelos estudiosos da literatura e da história como a fundadora da literatura e da língua italiana, bem como, o mais completo compêndio sobre a civilização ocidental na Baixa Idade Média, escrita entre 1310 e 1321. Nela, Dante coloca a si próprio como personagem em uma peregrinação através do Inferno, Purgatório e Paraíso, em busca da iluminação espiritual.

VIRGÍLIO (70 aC-19 aC). Na obra, é o espírito do poeta greco-romano que servirá de guia na jornada de Dante Alighieri através do Inferno e do Purgatório. Segundo Paulo Rónai, Públio Virgílio Marão (Publius Vergilius Maro), autor de “Eneida”, foi considerado, ainda em vida como o grande poeta romano e expoente da literatura latina. Seu trabalho foi uma vigorosa expressão das tradições de uma nação que buscava firmar sua origem. Nasceu em Andes, perto de Mântua em 15 de outubro de 70 aC.

Santo Tomás de Aquino (1225–1274). Filósofo e teólogo, na obra sua alma repousa no Paraíso. Em vida foi autor da síntese do cristianismo com a visão aristotélica do mundo, introduzindo o aristotelismo, sendo redescoberto na Idade Média, na escolástica, reuniu um e outro de forma a originar uma sólida base filosófica para a teologia e retificando o materialismo de Aristóteles.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, F. Notas. In: ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. Tradução de Fábio M. Alberti. Porto Alegre: L&PM, 2004.

ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. Tradução de Hernani Donato, Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. Tradução de Fábio M. Alberti. Porto Alegre: L&PM, 2004.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. da UnB, 1992.

DONATO, H. Prefácio e notas prévias. In: ALIGHIERI, D. *A divina comédia*. Tradução de Hernani Donato, Ilustrações de Gustave Doré. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

GUIMARÃES, M. *O ocaso do mundo medieval e a construção do homem moderno na obra de Dante Alighieri*. Maringá, 2004.

GUIZOT, F. Sétima lição. In: OLIVEIRA, T.; MENDES, C. M. M. (Orgs.). *Formação do Terceiro Estado as comunas*. Maringá: Eduem, 2005, p. 27 – 50.

LETTERA ENCICLICA IN PRAECLARA SUMMORUM Del Sommo Pontefice Benedetto XV Ai diletti figli professori Ed alunni degli istituti letterari di alta cultura Del mondo cattolico in occasione Del VI centenario della morte di Dante Alighieri. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xv/encyclicals/documents/hf_ben-xv_enc_30041921_in-praeclara-summorum_it.html>. Acesso em: 18 abr. 2010.

ORLANDI, E. *Gigantes da literatura universal: Dante Alighieri*. Tradução de José V. de Pina Martins. Lisboa: Verbo, 1972.

SANTO AGOSTINHO. *A doutrina cristã*. São Paulo: Paulus, 2002.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução Tassilo Orpheu Spalding. São Paulo: Editora Cultrix, 1999.

Abstract: this study is an analysis of the Divine Comedy of Dante Alighieri (1265-1321) in light of Scholastic, guiding theory by which the men expressed themselves in the Middle Ages. The Divine Comedy is regarded by scholars of literature and history and the founder of the Italian language and literature, as well as the most comprehensive textbook on Western civilization in the Middle Ages, written between 1310 and 1321. Dante puts it himself as a character on a pilgrimage through Hell and Purgatory, led by the poet Virgil, and through the heaven by the beautiful Beatrice. To the extent you get to know the inmost recesses of each of these sites, Dante encounters various real and imagined historical characters who are classified by the author in each location, according to their merits or sins of each one. Our intention is to better understand the civilization of the medieval period, the work itself and influences that Scholastic has exercised in his verses.

Key words: medieval history of education, Dante, scholastic

* Acadêmico na Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). *E-mail:* osmarnascimento@hotmail.com.

** Pós-doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Professora na UEM/PR. *E-mail:* teleoliv@gmail.com.